



# Gaiacito



Quinzenário • 20 de Maio de 1989 • Ano XLVI — N.º 1179 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



«Da boca das crianças sai a verdade.»

## NOTAS DA QUINZENA

1 «Da boca das crianças sai a verdade.» É um ditado bem conhecido do povo. Quem anda metido nos trabalhos de recolher os filhos da rua, pela vida deles, pela boca deles, vai descobrindo as causas das grandes desgraças sociais e os remédios para as prevenir e curar. Não temos encontrado livro mais simples e claro do que a criança abandonada.

O Márcio e o Hélder, dois irmãos de sangue, chegaram, há duas semanas. São dois pequenos vivos e conhecedores dos cantos da rua. A mãe anda por lá... Do pai não se sabe... E da casa nem se fala. São fruto da família desfeita.

Está, aqui, a maior desgraça que pode cair sobre uma nação. O cancro social, capaz de destruir um povo, escondido na família mal formada.

A Família! Que fonte de felicidade pode ser!? Quando o lar é construído sobre o Amor (apetecia-me escrever a palavra com todas as letras maiúsculas), tem a garantia da unidade e perenidade. É um lar até ao fim da vida.

A Igreja, Família de Deus, Comunidade de famílias, donde saem os membros que darão continuidade à missão que Lhe é confiada, está atenta e deve investir

as energias de que dispõe no campo da Família. É tarefa prioritária!

O Estado tem o seu campo próprio de acção. Quanto não tem feito e poderia fazer?! Onde está o apoio directo, simples, eficiente, à Família? Na legislação não o encontramos. Nos meios de comunicação social controlados pelo Estado, onde estão os programas de impacto mais forte, que ajudem à estabilidade do lar? Nas telenovelas?! É um problema de vida ou de morte para um povo.

O Márcio, porque mais velho, encheu-me os ouvidos de perguntas, nos primeiros dias.

— Estas casas são suas?

— Não, são nossas.

De olhos vivos, fitos nos meus, fica em silêncio, maravilhado. Não conhecia a palavra nosso, nem o seu significado, de tão habituado que andava a não ter nada, senão a rua.

— O carro é seu?

— Não, é nosso.

No seu rosto simpático e descontraído, espelhava-se a admiração e o espanto.

«Da boca das crianças sai a verdade.» Estes pequenos reclamam direitos que lhes não podem ser tirados. Primeiro, a família. Depois, a casa. De seguida, o nosso: os meios necessários à vida digna — na família e na casa.

Quem nos dera semear nas vidas do Márcio e do Hélder a alegria de serem filhos de Portugal!

2 Recordais aquela mulher, aqui falada com muito respeito, que passa os dias na berma da estrada, à espera de «clientes»? Veio, anteontem, trazer os dois filhos de que nos falou no primeiro encontro que tivemos: — Tome lá conta dos meus filhos, que não quero para eles a minha desgraça.

Continua na página 4

## Aqui, Lisboa!

As pessoas que nos visitam são levadas, logo à partida, a encarar o lado material das coisas, ante o espectáculo que se lhes depara. «Ai, como é possível dar de comer e vestir tanta gente?!», eis uma das expressões mais correntes.

Devemos dizer, aliás com todo o respeito, que somos levados a sorrir. É que o dinheiro, embora essencial, acaba por ser secundário. Todo o trabalho que se realiza em qualquer das Casas da Obra da Rua, assenta sobre a doação de alguns, padres e leigos, nomeadamente senhoras, nas vinte e quatro horas de cada dia. Mesmo os valores materiais indispensáveis são fruto da acção daqueles, que fazem a ligação à Família de fora.

Na Casa de que somos responsáveis há apenas um padre com mais de 60 anos e duas senhoras, uma também sexagenária e outra com 50 anos. Ora, para uma população de cerca de 120 Rapazes, desde os três aos vinte e poucos anos, torna-se notória a insuficiência de gente devotada ao serviço da Comunidade. Reside aqui, quanto a nós, a grande carência e o problema mais grave, que nenhum dinheiro poderá resolver.

Há uma grande diferença entre o ser-se funcionário, por mais zeloso e cumpridor (o que, aliás, nem sempre tem sucedido), e a entrega sem limites daqueles que se dispuseram a servir os jovens, sem cálculos ou reticências de quaisquer espécie, para lá dos defeitos ou fraquezas inerentes à condição humana.

Precisamos com urgência dum padre e de duas ou três senhoras, pelo menos, que se disponham a queimar as pestanas neste trabalho apaixonante de servir os Outros, em que a grande e única compensação reside, precisamente, no servir. Citando Santo Agostinho: «O amor de Deus é o primeiro mandamento na ordem da obrigação, mas o amor do próximo é o primeiro na ordem da acção».

Quem escreve estas linhas tem a consciência das próprias limitações e, com uma saúde abalada, não vê como fazer face às responsabilidades que recaem sobre os seus ombros. No sector da rouparia e da lavandaria precisamos urgentemente de alguém que superintenda com eficácia e zelo, à maneira de uma «irmã roupeira»; no sector alimentar há necessidade de alguém que ajude a dirigir o departamento, governando com eficácia esse sector básico da vida de uma comunidade; uma terceira senhora torna-se indispensável para tratar dos grupos etários a seguir aos dos mais pequenos, presentemente a cargo duma só pessoa. Que Deus nos oiça. Não pretendemos, como se infere, de legiões de «mergulhados», mas apenas dos elementos indispensáveis.

As preces dos nossos Amigos recomendamos as intenções formuladas: Gente que queira vir servir aqueles que chegam às nossas Casas. Servir por amor de Deus e dos homens.

Padre Luiz

## O DIREITO DA FAMÍLIA

Não é que eu saiba dizer muito de um tema que nos é tão caro — talvez, até, pela evidência com que a sua importância se nos apresenta e nos faz julgar que todos a vêem do mesmo modo; mas penso que urge insistir na ideia da fundamentalidade da Família para o bem-estar e progresso de uma Nação, célula que é do grande Corpo Social, por isso geradora de mais e melhor vida... ou de degradação.

Relembramos a advertência do Secretário de Estado norte-americano, aqui transcrita há um mês: «É preciso

ter muito cuidado para que a acção social e política do Estado não debilite a principal instituição que protege os nossos filhos».

Relembramos aquela afirmação lapidar de Pai Américo: «Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão». O «progresso» diz respeito à grande Sociedade e é função do «regresso», significativo de opção por tudo o que saneie e fortaleça a instituição familiar cujo modelo é a Sagrada Família de Nazaré.

Continua na página 4

# TRIBUNA DE COIMBRA

Sabe-nos sempre bem a discreção e dignidade dos Amigos que vêm entregar suas ofertas. Ontem, um senhor muito bem posto foi, quinta abaixo, à minha procura. Puxou da carteira, retirou algumas notas e colocou-as nas minhas mãos. — *Já cá tenho vindo algumas vezes. Boa tarde.* E retirou.

Mais que dar contas, preferimos dar graças a Deus pelo dom de Seu Amor partilhado por todos os que constituem esta grande Família: os de dentro e os de fora. Somos todos obreiros.

Um Amigo, de Vila Gosendo; uma senhora, vizinha. É tão bom sentirmo-nos acolhidos pelos vizinhos! Uma Amiga, de Alvite; outra, de Montemor-o-Velho; mil, a vendedor, em Leiria; um grupo, da

Lousã; uma senhora, da mesma terra; vale, da Lagoa da Guia; mil, de Mira (vem todos os meses). Mãe e duas filhas, de Coimbra; dez, de Amiga, de Coimbra; dois, de mãe e filha; e três, de outra vizinha; vale, de Carnaxide; dez mil, de Lisboa; cinco, dum dos nossos, no funeral da mãe.

Sacerdote, da Serra, vem muitas vezes; velha Amiga, de Medelim; dezasseis, de Amigo, de Lisboa; um mundo de cartas levadas à Casa do Castelo que a Maria Teresa entrega com muita alegria. Mil, da Covilhã, por alma de Amigo; dez mil, em Castelo Branco; 3.250\$00, de funcionários dos C. T. T.; quinze, de Amigo, de Carreira de Góis; 17.614\$50, de colcha leiloadada. É trabalho de grande Amiga, de

Coimbra; cinco mil, a recordar o pai; dez mil, por sacerdote, de Aveiro; trinta, de Notário, de Coimbra; quarenta e cinco, de Soure; 8.650\$00 e catorze levados ao Lar.

Vão muitos Amigos entregar ofertas ao nosso Lar. Há um que tem ido, muitas vezes, e nunca me encontrou. Também teria muita alegria em o conhecer. Alguma vez nos havemos de encontrar. Se não por cá, na Casa do Pai. Cem mil, que vizinho veio trazer; o mesmo, de outro, agora a viver em Lisboa; dez, em carta; senhora, de Anadia; cinquenta, de Juiz amigo; dez, de Castelo Branco; dez, de Professora vizinha; cinco, de outra; Amigo, de Tomar; Amiga, agora em Albufeira; Amiga, de Alcorochel; *casal*

*agradecido*; *casal das Meãs*; *casal de Pereira*.

Um tambor de tinta Nitin; Amiga, da Sertã; senhora, de S. Martinho; cinco, de Celorico da Beira; café e açúcar, da Estrela da Beira; o dia cheio com a presença dos franciscanos, de Tomar. 2.500\$00, de alfaiate, de Coimbra; quatro, de senhora, do Lar de Espinhal; mil, de viúva, de S. Miguel; Amiga, de Amadora; senhora, de Águeda; dez, que a mãe de Carlos Paião quis oferecer a sacerdote que os acolheu. Deus os tenha em paz.

A Amiga, de Cabaços; dois Amigos; o amigo Manuel, com mais 150 francos suíços; vinte e dois, de *casal*, da Lousã, que agradece muitas vezes; as amêndoas da Auto-Industrial; dez, de Amiga, de Quilhó de Mortágua; Amiga, de Gouveia; outra, de Cruz de Mouros; vinte, mais cinco, de Amigos, da Figueira; dez, a vendedor, em Leiria; dois mil, de jovens, de Outil; Amigas, de Febres; dois mil,

do Porto; a amizade de *casal*, de Santa Cita; *casal*, de Castelo Viegas; muitos mimos de meus conterrâneos; Amiga, de Santa Ovaia; pescador, de Quiaios; Amigas, de Brasfemes; Amigos, de Vila Meã; Amigos, de S. Sebastião de Penela.

Grupo de Amigos, de Cascais; vinte mil, da paróquia de Carriço; Amiga, de Seia; Amiga, de Chãs de Leiria; Amiga, de Póvoa de Anadia; Amigo, de Eiras que se fez assinante; Amiga, da Reboleira; Amiga, de S. Jorge da Batalha; dez, de *casal emigrante*; ofertas dos alunos e professora da Escola de Lardosa; cem, num Lar, em Leiria; um dia com cristãos de Cesar que partilharam 28.200\$00; 6 mil e saco com roupas e moedas que um grupo deixou; 3 mil e a visita da creche dos C. T. T., de Coimbra; vinte, de sacerdote, em Sever do Vouga.

Todos os outros que vêm como podem: visitantes, por carta, por vale, por cheque, por telefone. Por todos e com todos damos graças a Deus.

Padre Horácio

## PELAS CASAS DO GAIATO

### Conferência de Paço de Sousa

• Na década de 60 um português do Vale do Pomo dá o salto a França, na mira de promoção social — cheiinha de sacrifícios...! Corre a pátria de Joana d'Arc até ao Arco do Triunfo (Paris). Faz os descontos para a Segurança Social francesa. Entretanto, Deus chama-o à Sua presença. A mulher fica sem mensalidade. A filha tem de prestar serviço no Porto — para manter o barco. Requer a pensão de sobrevivência, que se arrasta. «*Parece impossível*», comenta a última notícia vinda do

Campo Grande (Lisboa) que repete, aliás, informação anterior: aguarda-se a confirmação do período contributivo francês.

Continua ou não vigente um despacho que permite o abono (condicional) da pensão enquanto o processo segue os trâmites legais? A sua aplicação diminuiria a angústia e escassez de meios — característicos da Viuvez. No caso vertente, pôs-se a questão. Quem dera um resposta positiva!

**PARTILHA** — O Sonnemberg trouxe mais um sobrescrito — «*para a Conferência*» — com 2.000\$00. Vale de correio (500\$00), de Santarém, e muita perseverança. De Umbilo — Durban (África do Sul), os habituais dez rands, agora «*em memória do meu primo que*

*Deus chamou*». Velha Amiga, de Aradas (Aveiro), 500\$00. O dobro da assinante 24851, que mantém o mesmo critério: recorta a notícia desta secção e agrafa, também, o seu número de assinatura em pequena folha de papel branco. Senhora muito prática! Isto faz lembrar (com muita saudade, evidentemente) as respostas que Pai Américo dava, na própria correspondência recebida, até para altas instâncias. A verdade é que este processo facilita a vida a muita gente — afogada em papéis...

Pela mão do nosso Padre Luiz: 4.000\$00 da assinante 21912 e 25.000\$00 de Américo Tavares. Mais 4.000\$00 do «*Manuel de Braga*» que gostaria toda a gente se motivasse para os graves problemas da Viuvez. Nova presença — há quantos anos! — da assinante 31104: «*O meu pedido é sem-*

*pre o mesmo — rezem por mim; a intenção a mesma: por alma daqueles a quem tanto amei e infelizmente perdi*». Leça do Balio: «*Um óbulo pequeno, mas é com muita humildade que o faço*». Tavira: «*Segue um vale para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. De preferência para uma Viúva em precárias condições e com filhos por criar. Sou Viúva, mas apesar de ter muitos problemas na vida, graças a Deus no aspecto financeiro considero-me privilegiada em relação a tanta miséria deste mundo*». Porto: 500\$00 da assinante 31486. E mais nada.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

### PAÇO DE SOUSA

**VISITANTES** — São muitas as pessoas que nos visitam no mês corrente. Contamos com muitas mais. Na primeira semana, um grupo, de Aveiro, já nosso conhecido.

Continuem a visitar-nos que as nossas portas estão abertas.

**NOVA TIPOGRAFIA** — Acabaram-se as mudanças mais importantes. Afinal terminam no mês das flores! Também neste edifício ficam instaladas a sapataria e a alfaiataria, como sectores independentes. Só que foram mais rápidos. Já fizeram a mudança completa!

**VINHA** — Na vinha nova já se fizeram os enxertos e esperamos que dê bom vinho. Na restante, a maior parte, procede-se aos tratamentos necessários para não serem atacadas pelo míldio, oídio, etc.

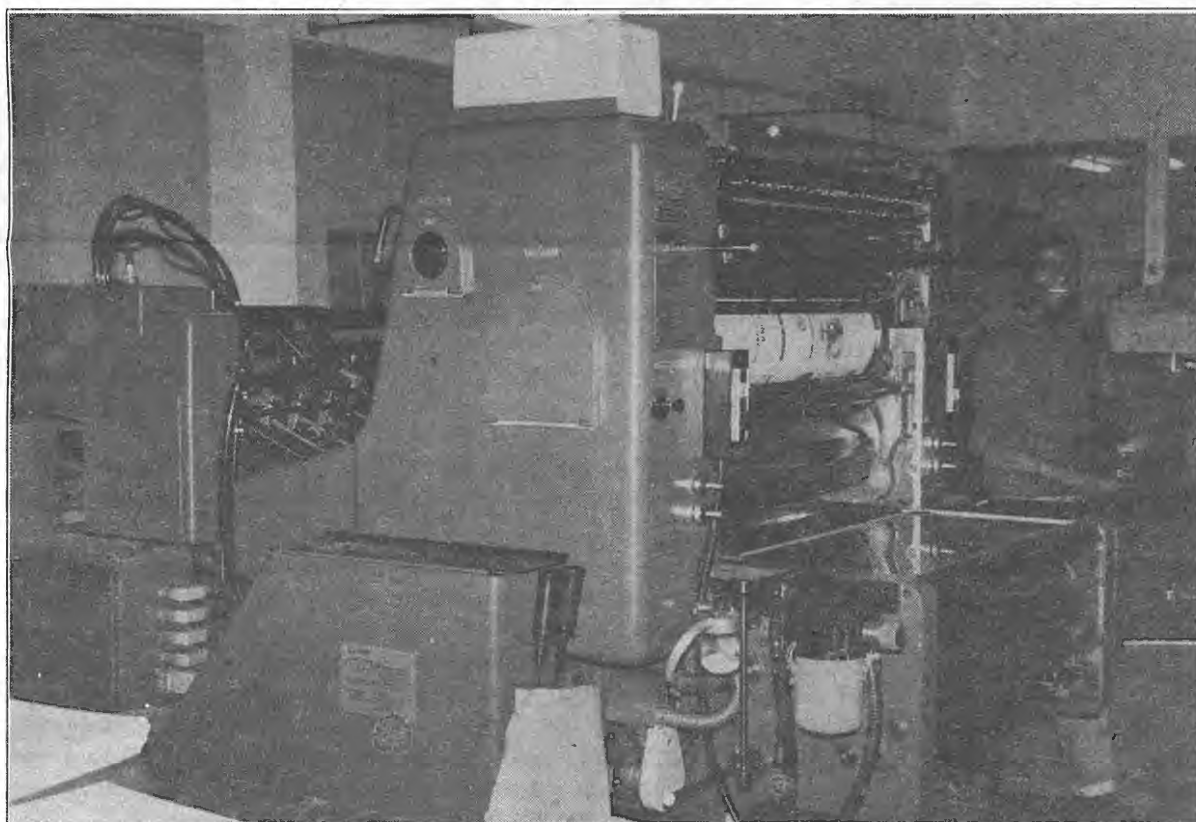
Esperamos que, este ano, seja proveitoso e tenhamos muito vinho.

Paulo Jorge S. Lourenço

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

A aldeia foi construída na encosta da serra, no topo da qual crista de penhascos irrompe gigantesca e se perde nos vales, para de novo surgir áspera e vigorosa desafiando as alturas. A paisagem de silêncio encontra serranias por todo o lado, a esfumarem-se no horizonte. Nesta pequena aldeia os olivais e pinhais irmanam-se com as habitações. Estas são, na maioria, de xisto, onde a telha nova substituiu a ardósia escura de outros tempos. Restos de ardósia ficaram em alguns beirados. São pitorescas estas casas, quase coladas nos telhados em becos estreitos. Nesta pequenina moram duas velhinhas. As paredes esburacadas mostram apenas uma porta e duas estreitas janelas — dois minúsculos postigos. No interior, negridão total provocada pelo fumo da lareira. Não é fácil divisar estas duas anciãs, na sala de estar, corcovadas junto a gravetos acesos para resistirem ao frio.

Pergunto-lhes se gostariam de ter luz eléctrica. Ao espanto



O sorriso do Silva exprime a natural alegria de «comandar» a máquina que imprime 72.000 exemplares d'O GAIATO.



# C A R T A S

«Acabo de receber o livro Correspondência dos Leitores que muito agradeço. Infelizmente não sei ler, mas peço a uma amiga que mo leia, pois gosto muito de ouvir tudo o que vem de vós.

Deolinda»

☆

«Acuso recepção do livro Correspondência dos Leitores. É uma vergonha só agora o fazer. No entanto, não me apeteceu responder sem ler, pelo menos, uma parte do livro para dar uma opinião. Valeu a pena! Não só muitas das cartas são interessantes, como, principalmente, as respostas de Pai Américo são lições que não se podem desperdiçar.

Agora, gostava que mandassem o livro Porta Aberta, de Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte. Já tenho um, mas era para oferecer.

Assinante 1941»

sobrevem a alegria. E, hoje, vivem mais felizes. Há pequenos quês de que muitos não se apercebem ser um mimo por terem nascido com eles, em sua casa. Com tão pouco se podem fazer felizes os Pobres!

Perto daqui, em casa igualmente de xisto amarelecido, moram duas irmãs surdas-mudas. Pertenceram a uma família de onze membros. Hoje restam apenas estas duas criaturas. A casa, nada acolhedora, sem água, sem luz, sem conforto algum, está colocada em pequeno morro junto da estrada. Subo as escadas exteriores. Falo por gestos. Pergunto se gostavam de possuir, também, luz eléctrica. Apontam-me as paredes, meio a cair, e dizem que não, que não vale a pena. Insisto. Mas ambas continuam a teimar na negativa.

É difícil compreender os Pobres, o seu conformismo, a sua aceitação da herança de uma quase miséria, sem um leve desejo de evoluir.

Bem perto, a dois passos, uma velhinha centenária vive em casa de telha vã, com uma filha e um neto. Tudo pequeno nesta habitação. Aos quartos chamam gavetões, pois estes são à medida das camas. Água, quarto de banho, pia de despejos, não existem. Proponho-lhes ajuda para estes pequenos bens domésticos. Respondem que não, que não vale a pena.

É difícil entender os Pobres. Que será preciso fazer para que esta gente sinta necessidade de coisas primárias que hoje todos anseiam possuir? Saio triste comigo mesmo. As lacunas vêm de longe. A nossa ausência às necessidades alheias vem mesmo de muito longe e chegamos tarde, por vezes, para as remediar.

Padre Baptista

«Em nome da minha mãe (Maria Carolina) e meu, queremos partilhar convosco.

«Eu mesmo trarei até à vossa velhice; sustentar-vos-ei até vos virem as cãs; como já fiz, continuarei a fazê-lo; cuidarei de vós e preservar-vos-ei.» (Is. 46, 4)

Nesta certeza e com esta experiência (a minha mãe fez 90 anos) queremos enviar o que o Senhor nos vai dando: o Seu Amor, a Sua Paz, a Sua Alegria.

A toda a Comunidade da Casa do Gaiato comunicamos o nosso desejo de partilhar pela oração e pelo desprendimento, do que temos e não é nosso, certas de que o Senhor cuida de todos e a todos preserva.

Nesta última semana partilhámos com os Irmãos mais pobres, que aqui conhecemos nas aldeias próximas (três famílias muito carenciadas e com muitos filhos) e com os irmãos gaiatos espalhados por diferentes comunidades. Assim, juntos em oração, sabemos que o Senhor está conosco aqui, nesta vida terrena, e que Ele nasce todos os dias no coração dos que O amam.

Assinante 38833»

☆

«Peço desculpa de só agora enviar algum contributo para a Obra da Rua.

Por amor de Jesus 'dais de comer a quem tem fome, dais de beber a quem tem sede, vestis os nus'. Tudo isto e também trabalhos e tribulações não faltam e, assim, podeis viver na fé e na esperança de alcançar a Salvação pelo amor que dais aos Pobres — manifestando como se ama a Deus e aos Outros.

Como o Senhor é bom! Assim nos vai trazendo alguma Força de querer amar.

Estou internada no hospital para não agravar os meus males. Espero, para breve, uma operação ao coração. Peço ajudem também esta pobre com as vossas orações.

Assinante 47528»

☆

«Rio de Janeiro, Páscoa de 1989. Chegou o nosso O GAIATO n.º 1174, de 11 de Março. Com este número, completa 45 anos de existência. Verdadeira infância para quem tem de ir numa longa e vitoriosa viagem.

Habitados, há vários anos, à sua leitura — o mesmo é dizer, à sua doutrina — tocou-nos, bem fundo, este número especial. É, todo ele, um verdadeiro Breviário das

## IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

coisas do Espírito, das coisas do Senhor.

«...Da nossa parte, como crianças que nada sabem, ficamos admirados e confundidos.»

«...Acreditamos que O GAIATO é uma visita de Deus ao seu povo» (Padre Manuel António).

«Concedei-nos, Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar. Coragem para modificar aquelas que podemos modificar; e Sabedoria para distinguir umas das outras.»

«Oração da Serenidade» (Padre Telmo).

«O GAIATO só tem um valor, só tem um preço essencial: ser lido» (Padre Carlos).

Verdadeiro Breviário Espiritual! Saber da nova actividade do Padre Baptista, foi para nós uma satisfação muito íntima.

Parabéns, ainda, pela inauguração do edifício das novas oficinas. Sim, Pai Américo aplaude com sua bênção de Pai.

Por fim — mesmo depois da data — uma Páscoa cheia da Fraternidade Cristã para todos os Obreiros da Obra da Rua.

Assinante 8120»

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS

CONVÍVIO/89 — A exemplo dos anos anteriores, vamos levar a efeito, no próximo dia 16 de Julho, o nosso convívio anual, em Paço de Sousa.

Ali terá oportunidade de passar um dia inesquecível com os nossos irmãos gaiatos mais novos e «matar» saudades nos belos recantos da nossa Aldeia. Não esquecendo que o dia 16 de Julho é uma data muito especial: faz 33 anos que Pai Américo foi chamado do nosso convívio, para missões mais importantes!

A nossa presença será testemunho da nossa compreensão e colaboração empenhadas.

Contamos contigo!

PROGRAMA — 08,30 h — Provas de atletismo para antigos e actuais gaiatos (leva equipamento contigo); 10,30 h — Concentração junto à Capela e deposição de um ramo de flores no túmulo de Pai Américo; 11 h — Missa comunitária; 13 h — Almoço oferecido pela Casa-Mãe. A tarde livre (oportunidade para livre curso à imaginação).

NOTA — Se trouxeres um bolo para sobremesa, entrega-o à Comissão Organizadora do Convívio.

IMPORTANTE — Tratando-se de confraternização entre novos e antigos gaiatos, só se justifica a presença destes e seus descendentes directos (esposas, filhos e netos).

Carlos Gonçalves

## FESTAS

Todos os dias, quando nos encontramos de manhã, os nossos mais pequeninos perguntam com ar feliz: — Hoje há Festa?

Estamos a meio da romaria e todos sentimos a alegria da caminhada. Tudo tem sido tão bom! As salas escaldantes de sorrisos e também de lágrimas. Os lanches, tão bons e tão abundantes, têm proporcionado maravilhosos convívios. Os mimos de que nos rodeiam e o que trazemos para Casa.

Os nossos mais pequeninos desejariam Festas todos os dias! Vamos continuar. Estão muitos Amigos à nossa espera.

Padre Horácio

### CENTRO

20 de MAIO, 21,30 h — Salão dos Bombeiros — LOUSÃ  
21 » » 15,30 h — Sala do Casino — FIGUEIRA DA FOZ  
27 » » 21,30 h — Cinema Messias — MEALHADA

### SUL

20 de MAIO, 21,30 h — Centro Paroquial da COVA DA PIEDADE  
21 » » 21 h — Salão dos Bombeiros Voluntários  
ÁGUAS DE MOURA  
24 » » 21,30 h — Sociedade Operária Amorense — AMORA  
27 » » » — Salão dos Bombeiros V. de PINHAL NOVO

## DOCTRINA



Recrutado no tugúrio e na mansarda...

• Quem traz às costas cinquenta dias de canseiras e o grito de outras tantas bocas a pedir mais pão, não tem outro remédio senão escrever, nas horas que passam, o «se tiveres fé do tamanho de um grão de mostarda, os montes caminham à tua frente». Não é de ti que eu espero nada, nem em ti confio; tu, barro quebradiço, poeira dos caminhos; tu que hoje és e amanhã não és — tu vales tanto como eu. Espero, sim, na promessa do Evangelho, Palavras de Vida. E os montes afastam-se para a gente passar!

• Necessito de receber muito mais, além do muito que tenho recebido. No dia 18 do presente, à mesma hora, a segunda largada descola do mesmo sítio com voo de vinte e cinco dias — por tua conta e risco! Enquanto dormes a noite no propósito de dar, a Mão Viva da Providência vai encher as tuas arcas, regar os teus lameiros, cuidar dos teus filhinhos, ajeitar a tua cruz. Cuidas que dás; és tu que recebes. Manda mais azeite, feijões, fruta, coisas boas. Manda, que ninguém cobra fretes, todos dão a mão. Aqui em cima é na mesma. Tudo acha graça aos garotos e nada lhes faz mal. A água do Ceira não os afoga, a dos poços não os molesta; o ar não tem correntes nem os caminhos pedras; os silvados só têm amoras e não têm espinhos. A padreira confessa que o forno lhe calha bem e que a boroa lhe sai mimosa; e se algum cai de um pinheiro abaixo, fica suspenso nos galhos pelo cinto do macaco, como já aconteceu!

• «Vai dizer a João Baptista que os Pobres são evangelizados» — o sinal do Messias, dado por Ele mesmo. Ai, que se tu soubesses como é lindo o Evangelho dos Pobres, pregado no meio deles, a viver com eles, a pedir para eles; se tu tivesses a experiência da força estupenda que este Evangelho tem que, sem mexer nada, lança por terra tantos montes e comove tantos corações; se conhecesses este tesouro escondido aos olhos do mundo — havias de deixar que os mortos enterrassem os mortos e vinhas comigo evangelizar os Pobres, no meio deles, a pedir para eles! Os montes caminharão à tua frente e tu, silencioso, com a chave do mundo na mão, cantarás vitória.

O. Amín. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 1.º vol.)

# NOTAS DA QUINZENA

Continuação da página 1

Apressadamente, despediu-se deles, com um beijo, e foi-se. Eles ficaram e ainda não falaram na mãe. Estas horas são de dor. Não se pode negar. Vós chorais, em vossas casas.

Se estivesseis presentes, a vossa tristeza mudar-se-ia em alegria, também. Se o mal é grande, o bem, agora, é maior para estes filhos. Foi-se a pobre mãe. Vi-lhe, no rosto, à hora da despedida, um sorriso de satisfação por ver os filhos seguros. Ah, a família!!! Quem sabe se, um dia, serão estes a arrancar a mãe, ainda com vida, às garras dos abutres que lhe vão sugando o sangue e destruindo a sua dignidade de mulher. Se ela é ré, também vítima é, de certeza.

Mas o Frederico, o mais novo dos irmãos que vai fazer seis anos, pede a presença da mãe. Não chora. Salta e ri como os vossos filhos e as outras crianças. Porém, a mãe dele, a que o gerou segundo a carne e o sangue, foi-se.

Tenho receio de que, com o andar do tempo, o Frederico comece a chamar pela mãe; que queira a mãe e não temos para lhe dar! Que dizeis, mulheres, raparigas de Portugal?

Já que se trata de decisões tão importantes, recolho-me convosco, em silêncio, e peço ao Senhor da Vida e dos Caminhos de cada uma que vos transforme, neste lar, em ditosas mães de família!

3 Nem sempre as coisas mais pequeninas são as mais

fáceis de realizar. Nem por isso deixam de ser importantes e decisivas na vida das famílias e das pessoas.

Nas comunidades grandes há a tentação de fazer coisas grandes. E só as coisas grandes é que contam. O Evangelho reza ao contrário: O Reino de Deus é semelhante ao grão de mostarda... ao fermento... à alegria da mãe de família... à pérola escondida.

A Igreja está vocacionada para as coisas pequeninas destinadas a ser grandes e capazes de revolucionar as cabeças e os corações. Nestes espaços não entra o Estado que, nos seus esquemas, não cabem as obras simples que não dão nas vistas, nem dão nome às pessoas. É à Igreja, Mãe por vocação, que foi confiada a missão da Caridade, com letra

maiúscula. Por Ela chega às pessoas, no cantinho mais escondido e humilde em que se encontram.

Que se façam obras grandes, por iniciativa da Igreja, em que o Estado sinta obrigação e orgulho em participar, para bem dos cidadãos, sim... Mas que a Igreja, nessa mesma comunidade, não consiga as telhas para cobrir as casas das famílias pobres, espalhadas pelos vários cantos da paróquia, não... É que, neste espaço humano, o Estado não

entra nem quer entrar. É pequenino de mais. Aqui, só a Igreja. Aqui, é o lugar específico da Igreja, numa comunidade paroquial aonde mais ninguém vai, senão a Igreja. Cumpre-se, deste modo, o Evangelho: grão de mostarda, fermento, pedra preciosa escondida, alegria partilhada, em família.

O serviço específico da Igreja é Caridade.

Padre Manuel António

## O DIREITO DA FAMÍLIA

Continuação da página 1

O mesmo dizia o enunciado da tese da reunião internacional na Irlanda, evocada há duas quinzenas: «O Progresso passa pela Família». E por ser o tema genérico de um encontro daquele nível, foi certamente assumido por todos os intervenientes.

Outro valor da Família é o seu potencial pedagógico, insubstituível na formação de homens equilibrados, logo, de cidadãos válidos. Também neste ponto coincidem os pensamentos de Pai Américo e do referido estadista:

«O padrão da Obra da Rua é a Família.»

«E quando uma família falha — prossegue a já citada advertência — o Estado supra, procurando imitar o que faz uma família responsável.»

Família que somos para os sem-família, a toda a hora constatamos o decrescente índice de sanidade desta instituição fundamental.

Com frequência nos perguntam se a Obra da Rua é hoje tão procurada como anos atrás. Empolada a sensibilidade das multidões para o económico, na mesma medida se desvanece a sensibilidade para o moral. E as pessoas admiram-se de que, havendo agora menos necessidades materiais (apesar das muitas que ainda há), seja a nossa porta mais concorrida do que nunca. Será menor a fome de pão, mas é maior a fome de carinho e a insegurança concomitante, «alimento» indispensável ao crescimento equilibrado de um ser humano.

As fichas dos mais pequeninos que actualmente estão em Paço de Sousa, registam todas um traço comum: filhos da boíte. Nunca conheceram os pais; não tiveram oportunidade de conviver com as mães; viviam entregues a umas, arrumados pr'ali como uma coisa que se não sabe bem onde pôr. Alguns, em sua ânsia de atenção, são agressivos, como quem quer reaver depressa uma dívida tanto tempo adiada.

Neste caso nunca houve um lar. Mas quantos outros que chegaram a ser, porém mal formados, sem a preparação adequada (como se constituir família fosse mero acto de instinto), num tempo em que o prazer é endeusado e o amor em vez de ser, «se faz», num clima social de consumismo cujo «ideal» é vida fácil e regalada e, conseqüentemente, desfalece o espírito de sacrifício e o sentido da responsabilidade — quantos outros lares se desmoronam sem atender às vítimas inocentes, sujeitas ao abandono e à dispersão e a todas as frustrações que daí advêm.

Este panorama não é sequer exclusivo das classes sociais mais modestas. O clima envolvente também infecta as outras e é chegado um tempo em que, se as Casas do Gaiato fossem sem fim, teriam lugar nelas muitos filhos de algo reduzidos, pela licença dos costumes, à mesma condição de filhos de ninguém.

A defesa da Família, a sua promoção, não é somente, nem sobretudo, um problema económico. Nem os grandes problemas sociais terão resposta numa visão da «coisa pública» à luz exclusiva do económico; nem são medidas técnicas que os resolvem. Por isso toda a vida social devia ser filtrada na perspectiva de um «regresso» que é a garantia do seu autêntico progresso.

Com certeza teriam de ser postos à luz e fulminados os altos interesses subterrâneos que são a fonte da corrupção moral que vai inundando o mundo. Mas não devia ser esse o centro do alvo de uma Alta Autoridade contra a corrupção?!

Padre Carlos

## CALVÁRIO

• Onde os pais deste menino? Tem 14 anos. É deficiente mental. Agarradinho à sacada, de olhos no céu azul, parece um sonhador. E é. Só que os seus sonhos gravitam fora da nossa órbita. Seu mundo é impenetrável. Não fala: uns sons sem nexos. Abraça-nos e mete as mãos nos nossos bolsos a procurar alguma guloseima; talvez, sede inconsciente do colo da mãe.

Por certo, os pais seriam bem mais felizes com este anjo a conduzi-los pelo caminho que Deus traçou e eles rejeitaram.

É o nosso «Faneca».

### • Reflexão

Um engenheiro amigo, consultor do Governo de Moçambique, apresentou a vários governos e organizações um plano de alguns «Projectos Integrados» para Moçambique.

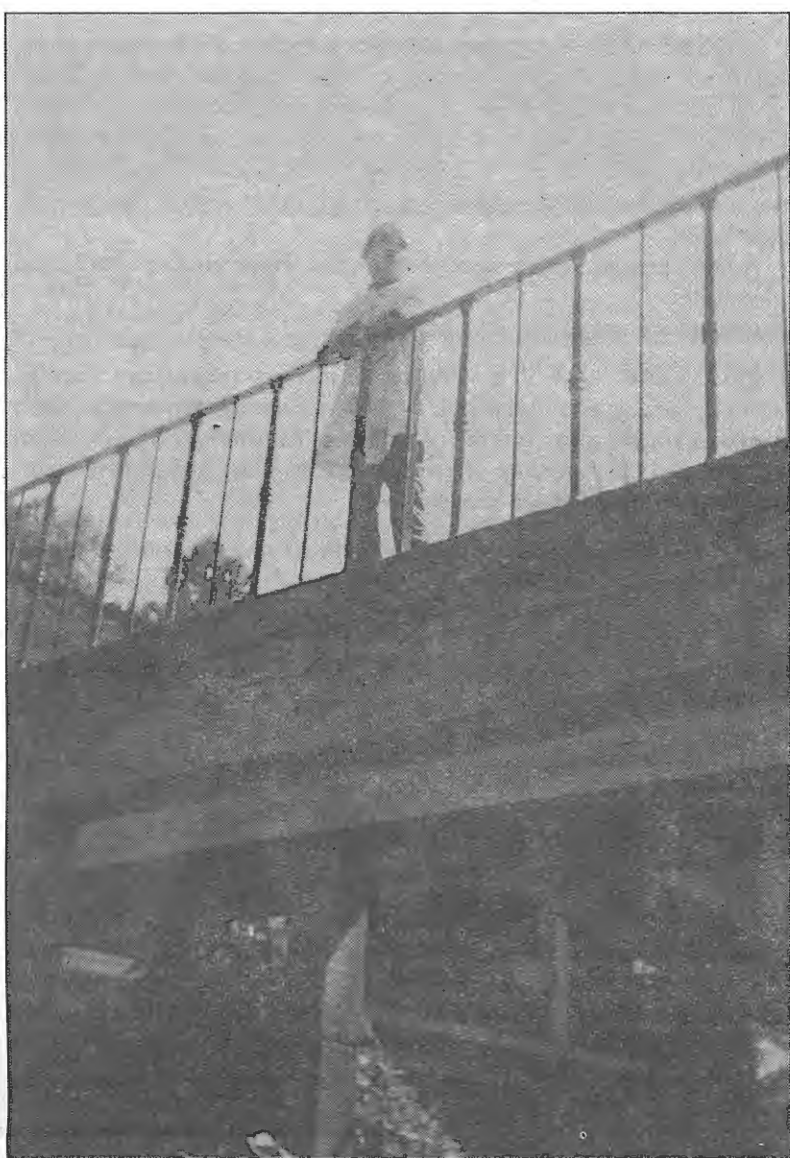
Todas as vezes que lá vai, regressa angustiado com a fome das populações e os problemas dos cerca de quatro milhões de deslocados.

Ele próprio viu (e eu noutras circunstâncias) como os produtos das canções e dos peditórios, a favor dum povo com fome, não chegam à boca dos famintos. Triste realidade!

Então, um «Projecto Integrado». O que é?

Integrado, igual a assimilado, adaptado, metido dentro, incluído num todo e, do latim, renovado.

«Projecto Integrado» (cito o texto do documento apresentado) porque se aproveitaria a reabilitação de linhas de caminho de ferro, da linha de transporte de energia de Cabora Bassa, de estradas, de antigos colonatos, etc., onde passarão a existir condições mínimas de segurança que



determinam a concentração de deslocados, para desenvolverem projectos de agro-pecuária, saúde, educação, assistência religiosa e outros, visando dar trabalho e assistência às populações, doutro modo inactivas e abandonadas.»

Parece-nos que os projectos devem ser adaptados às diversas regiões, condições do povo e seu grau de capacidade.

«Em vez de peixe frito, ensinar a pescar.» Mas, atenção, pois precisamos de pessoas, rio, peixe e canas de pesca.

Recordo que, um dia, chegou a uma nossa Casa de África um engenheiro cooperante e pediu para lhe

deixarmos dar umas lições a um grupo de camponeses — junto dos nossos viveiros de hortaliças.

Eu próprio assisti. Notei, depois, o aparecimento de pequenas hortas nas senzalas mais próximas.

Maravilhosos estes projectos!

Necessário, porém, que eles se processem num clima de paz e atinjam, em pleno, as raízes das couves e as mibangas compridas da mandioca.

— Que pena que a vossa Obra não possa estar junto daquele povo tão carenciado...! — rematou o meu amigo, depois desta reflexão.

— Também temos muita pena!

Padre Telmo



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285  
Fotocomp. e imp. offset: Escalas Gráficas da Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898